

Sun Lidong

Machado de Assis dispensa apresentações para o público brasileiro. Contudo, embora possua uma obra comparável à dos grandes nomes da literatura universal, ainda é relativamente pouco conhecido entre os chineses, que dispõem apenas de escassas traduções de sua prosa. Como um dos contos mais lidos e comentados da obra machadiana, “Um apólogo” merecia, há muito, uma tradução. Seu aspecto de narrativa infantil esconde do leitor desprevenido uma complexidade insuspeita. Não há ali polarização entre o bem e o mal, não há modelo de virtude nem lição de moral propriamente dita. A agulha e a linha são humanas em seus valores e defeitos. Na discussão entre elas, todos os argumentos podem parecer, ao mesmo tempo, válidos e questionáveis. É um texto maduro, surpreendente e atual. Recriá-lo em chinês procurando espelhar – ainda que modestamente – a fluidez e, ao mesmo tempo, a ironia, a erudição e o desencanto do original, foi uma tarefa desafiadora.

寓言一则

马查多·德·阿西斯

从前，有一根针对一团线说：

“看你那踌躇满志的样子，团成一大团，还真以为自己是这世界上的什么大人物吗？”

“您饶了我吧，女士。”

“什么饶了你啊？饶你什么？为什么饶你？就因为我说你的样子趾高气扬？可这是事实啊，我只是脑袋怎么想，嘴就怎么说。”

“什么脑袋，女士？您又不是大头针，您只是根针。针是没有脑袋的。我怎么样，跟您有什么关系？每个人是什么样子自有上帝决定。您管好自己就行了，别人的事情还是让别人自己管吧。”

“可是你太骄傲了。”

“这倒是没错。”

“可你凭什么呢？”

“你看啊，我会缝纫。我们女主人的所有衣服和装饰，不是我来做，还有谁呢？”

“你？太有意思了。你会缝纫？你没看到是我，只有我才是会缝纫的吗？”

“你只不过是把布扎透；而我才是在缝纫，是我把一块块布连接在一起，是我让那些蕾丝充满生气……”

“没错，但那又怎样呢？是我刺穿布料，是我在前面牵着你。你得跟在我的后面，听我的指挥……”

“侍从们还走在皇帝前面呢。”

“那你是皇帝喽？”

“我没这么说。不过，事实是尽管你走在前面，你不过就是一个配角；你无非是给我开路，你的工作无人关注而且微不足道。是我在固定、连缀、接合……”

正在这时，女裁缝来到了男爵夫人家。我忘了是不是说过这个故事发生在一位男爵夫人家里，她有自己专门的裁缝来上门服务。裁缝走进来，拿过布，取出针，捏起线。她把针纫好，就做起活计来。针和线骄傲地上下翻飞，穿透一层层布料，那是上好的丝绸。女裁缝的手指——说的诗意一些——轻巧得好像女神狄安娜的猎犬。这时，针说：

“怎么样，线女士，您还坚持刚才的说法吗？没发现这位出色的女裁缝只专注于我吗？她把我紧紧地捏在手指间，穿上穿下……”

线没答话，只顾埋头缝纫。针眼一打开，线就马上钻进去，默不作声却积极主动，一幅专注于自己的工作，心无旁骛的样子。缝纫房里静悄悄的，除了针穿透布料的窸窣作响外，听不到其他的任何声音。太阳西沉的时候，裁缝收好手里的活计，留到明天继续。就这样又做了两天，到第四天的时候，衣服终于完工了，恰好能在舞会上穿。

舞会当晚，男爵夫人来试装。裁缝服侍女主人把衣服穿好，又从身上取下针，做一些必要的修改。裁缝认真地帮美丽的的女主人修整新装，这里揪揪那里拽拽，卷卷这边折折那边，抚平褶皱、扣好扣子、系妥纽扣。这时，线用嘲讽的语气问针：

“怎么样，现在你倒是说说，是谁作为长裙的一部分穿在男爵夫人身上去参加舞会，去衬托她的高贵呢？谁会去同那些大臣和使节们跳舞？谁又要被放回到裁缝的针线盒里，然后被塞进女佣们的杂物筐呢？你倒是说说看？”

针好像什么话都没说，但是大头针，顶着那装满经验的大脑袋，对受了气的针低声咕哝道：

“你呀，长个教训吧，傻瓜。你辛辛苦苦为她开路，让她出尽风头，而你却要回到针线盒里去。跟我学学吧，我从不为任何人开路。把我扎在哪里，我就在那停住了。”

我把这个故事告诉了一位不得志的教授，他摇摇头对我说：

“我这一辈子为多少平庸的线当了针啊！”

Um Apólogo

Machado de Assis

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

– Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

– Deixe-me, senhora.

– Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

– Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

– Mas você é orgulhosa.

– Decerto que sou.

– Mas por quê?

– É boal Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

– Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu e muito eu?

– Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

– Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...

– Também os batedores vão adiante do imperador.

– Você é imperador?

– Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana – para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

– Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o *plic-plic-plic-plic* da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte. Continuou ainda nessa e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava de um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha para mofar da agulha, perguntou-lhe:

– Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

– Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

– Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!